

DO CORPO-OBJETO AO CORPO-MEMÓRIA: DANÇA NEGRA COMO ARQUIVO VIVO DA ANCESTRALIDADE

NAIANE RIBEIRO ROSA¹; ALEXANDRA GONÇALVES DIAS²;

¹*Universidade Federal de Pelotas 1 – profnaianedanca@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas 2 – xandadias@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho retrata o fragmento da experiência do processo de trabalho de Dissertação do Programa de Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas.

Este artigo discute a transição simbólica do corpo negro de objeto historicamente desumanizado através do racismo estrutural, para corpo-memória, entendido como arquivo vivo da ancestralidade e preservação da memória afrodiáspórica. A partir de experiências artísticas com os espetáculos A Dança dos Orixás e Preto é o Lugar Onde Moro, realizados em Pelotas (RS), busca-se discutir e compreender como a Dança Negra, enquanto Patrimônio Cultural Imaterial, ressignifica estereótipos e produz narrativas contra-hegemônicas. Amparado em autoras como KILOMBA (2019), EVARISTO (2015), MARTINS (1997) e NASCIMENTO (1985, 1990) o texto defende que o corpo negro em movimento não apenas denuncia a violência colonial, mas também reescreve a memória coletiva, inscrevendo-se como sujeito da história e da oralidade, compreendendo-se para além de práticas artísticas mas também como representatividade e afirmação identitária frente ao colonialismo, racismo e exclusão social.

2. METODOLOGIA

Este artigo apresenta uma abordagem qualitativa, que se apoia nas perspectivas da memória social, da performance e da etnografia aplicada aos processos artísticos.

A análise parte de dois espetáculos de Dança Negra realizados em Pelotas, sendo estes, A Dança dos Orixás (2017), criado pela Companhia de Danças de Matriz Africana Daniel Amaro, e Preto é o Lugar Onde Moro (2019), uma obra de autoria própria, considerados como experiências estéticas e políticas de ressignificação de espaços historicamente marcados pela escravidão.

O percurso metodológico é organizado em três principais dimensões:

1 - Etnografia em processos artísticos (FORTIN, 2014; DANTAS, 2016): inclui a observação participante, entrevistas com criadores e intérpretes, além de registros de campo durante as apresentações. O objetivo é entender os sentidos que os próprios envolvidos atribuem à dança.

2 - Autoetnografia (KILOMBA, 2016): Escrever na primeira pessoa foi uma ferramenta essencial para compartilhar minhas experiências como mulher negra, artista e pesquisadora no Sul do Brasil. Essa abordagem valoriza o meu saber/fazer, experiências, trajetória e o corpo em movimento como um espaço de memória e transmissão de saberes enquanto fonte de conhecimento, permitindo uma conexão mais íntima e autêntica com o que vivo e experiencio dentro do campo pessoal, profissional e da própria pesquisa dentro da academia,

entendendo este espaço como, sim, de educação e conhecimento mas também de negação e invisibilização de corpos negros em sua magnitude. Trazendo assim, a possibilidade e reafirmação da importância e potência das nossas vozes e escritas para além do exercício intelectual mas também como uma prática de memória, resistência e valorização de subjetividades e pluralidades historicamente silenciadas.

3 - Análise documental e bibliográfica: Foi realizada uma pesquisa com registros históricos e referências teóricas sobre memória, patrimônio e dança negra (Martins, 1997; Kilomba, 2019; Evaristo, 2015; Nascimento, 1985). Essas fontes ajudaram e colaboraram a contextualizar as obras dentro de uma crítica ao eurocentrismo e à colonialidade, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada e criteriosa acerca do tema.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos espetáculos *A Dança dos Orixás* (2017) e *Preto é o Lugar Onde Moro* (2019) revela que a Dança Negra, quando inserida em Patrimônios Históricos de Pelotas vinculados ao período escravocrata, atua como prática de ressignificação e denúncia. O que antes eram espaços de silenciamento (como a senzala da Charqueada São João e o porão do Museu do Doce), tornam-se lugares de memória ativa, nos quais o corpo negro deixa de ser compreendido apenas como objeto histórico e passa a se afirmar como sujeito da ancestralidade, memória e oralitura.

Os resultados mostram que a presença do corpo em movimento, sustentada por narrativas coreográficas de matriz africana, produz deslocamentos simbólicos e políticos. Em *A Dança dos Orixás*, a dramaturgia se constrói como retomada espiritual e coletiva da memória negra, transformando a ruína da senzala em território de celebração e potência ancestral. Já em *Preto é o Lugar Onde Moro*, a autoetnografia dos intérpretes provoca o público a vivenciar as marcas da exclusão, furando a bolha do eurocentrismo, instigando-os a refletir acerca de suas existências e atuação enquanto sujeitos antirracistas, ou aqui também poderíamos falar sobre sujeitos racistas?! O espetáculo leva à cena as violências do racismo cotidiano e estrutural, ainda presentes na sociedade pelotense, de forma objetiva e contundente, confrontando o público de forma direta.

Dessa forma, a dança se confirma como arquivo vivo, onde o corpo preserva, transmite e atualiza memórias que foram historicamente negadas ou invisibilizadas. Segundo Kilomba (2019), ao afirmar que o corpo negro carrega as cicatrizes do colonialismo, revela-se que, na performance, ele deixa de ser um objeto exótico para se tornar um sujeito da sua própria narrativa. Ao tomar consciência de si e seu legado histórico, o este passa a exercer sua ação e agência, tornando-se um corpo que lembra, resiste e reconstrói sua matéria simbólica, isto é, um corpo-memória.

Nesse mesmo percurso, Nascimento (1985) também aponta que:

“o corpo negro aparece como arquivo vivo da experiência afro-diaspórica e os quilombos são compreendidos não como resquícios do passado, mas como formas contemporâneas e enraizadas de existência coletiva e construção de mundo.”

Desse modo, é legítimo pensar no âmbito da memória como continuidade de resistência. Assim, a discussão evidencia que os espetáculos analisados não apenas reconstroem narrativas sobre o passado, mas também inscrevem novas possibilidades de identidade e pertencimento negro no presente, tendo o corpo como um arquivo em constante reescrita e ressignificação, ou ainda como MARTINS (1997) defende o conceito de oralitura, enquanto o corpo também como detentor de uma memória coletiva enquanto modo de resistência e preservação da cultura afro-brasileira.

4. CONCLUSÕES

A investigação possibilitou a compreensão de que a Dança Negra, ao ocupar espaços historicamente marcados pela escravidão na cidade de Pelotas, desempenha sua função enquanto prática política e pedagógica de resistência. A análise dos espetáculos revela que o corpo negro, antes reduzido a objeto pela lógica colonial, transforma-se em corpo-memória, capaz de preservar, transmitir e atualizar saberes ancestrais.

Constata-se que a dança não atua apenas como expressão estética e artística, mas como arquivo vivo que ressignifica a presença negra nos Patrimônios Culturais da cidade. Essa transformação fortalece a compreensão do patrimônio para além do âmbito material, reconhecendo o corpo e a Dança Negra como Patrimônio Imaterial e logo também um lugar legítimo de memória.

Assim, o artigo reforça que a arte e, em especial, a Dança Negra, desempenham papel crucial na reconstrução de narrativas contra-hegemônicas, no fortalecimento identitário e na visibilidade das experiências afrodescendentes no sul do Brasil. O corpo, quando em movimento, não apenas denuncia silenciamentos históricos, mas também inaugura possibilidades de pertencimento e continuidade de legado para futuras gerações.

5. REFERÊNCIAS

DANTAS, M. F. **Ancoradas no corpo, ancoradas na experiência: etnografia, autoetnografia e estudos em dança. Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 2, n. 27, p. 168–183, 2016.

EVARISTO, C. **Olhos d'água**. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

FORTIN, S.; GOSSELIN, P. Considerações metodológicas para a pesquisa em arte no meio acadêmico. **ARJ – Art Research Journal: Revista de Pesquisa em Artes**, Natal, v. 1, n. 1, p. 1–17, 2014.

KILOMBA, G. **Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano**. 2. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MARTINS, L. **A oralitura da memória**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997.

NASCIMENTO, M. B. “**O Negro e o Conceito de Quilombo**”. In: SOUZA, M. H. (Org.). **O negro no Rio de Janeiro e sua tradição de cultura**. Rio de Janeiro: Graal, 1985. p. 183-192.

NASCIMENTO, M. B. **Kilombo e memória comunitária: um estudo de caso**. Rio de Janeiro: [s.n.], 1990.